

# JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1



## **INSURGÊNCIAS POÉTICAS SOBRE A PRIVAÇÃO DE LIBERDADES**

## **POETIC INSURGENCES ABOUT THE DEPRIVATION OF FREEDOMS**

**Téssia Gomes CARNEIRO**  
**Universidade Federal do Norte do Tocantins**  
**UFNT**  
**E-mail: tessia.gomes@uft.edu.br**

**Walace RODRIGUES**  
**Universidade Federal do Norte do Tocantins**  
**UFNT**  
**E-mail: walace@uft.edu.br**



## RESUMO

Este escrito expõe o contexto prisional descrito na obra “Estação Carandiru”, cenário em que o médico Drauzio Varella retrata uma superlotação de excluídos pela cor e pela pobreza, bem como relacionar a elevada estatística de encarceramento no Brasil aos poemas das mulheres negras Esmeralda Ribeiro, Lívia Natália, Conceição Evaristo e Lubi Prates. A pesquisa para este artigo se coloca como teórica e de cunho bibliográfico. Julgamos que este tema seja relevante para pensar as diferentes abordagens acerca das situações de encarceramento e possíveis poéticas nascidas do sofrimento e da violência.

**Palavras-chave:** Literatura. Prisão. Exclusão. Resistência.

## ABSTRACT

This paper exposes prison context described in the book ‘Estação Carandiru’, scenario in which the doctor Drauzio Varella portrays an overcrowding of people excluded due to color and poverty, as well as relating the high statistics of incarceration in Brazil to the poems of black women Esmeralda Ribeiro, Lívia Natália, Conceição Evaristo and Lubi Prates. The research for this article is a theoretical one and of bibliographic nature. We believe that this theme is relevant to think about the different approaches to incarceration situations and possible poetics born from suffering and violence.

**Keywords:** Literature. Prison. Exclusion. Resistance.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem caráter qualitativo (analítico) e baseia-se no livro do médico Drauzio Varella intitulado “Estação Carandiru” e lançado em 1999. Esta obra foi contemplada com o Prêmio Jabuti do ano 2000 como o livro do ano de não ficção. Em 2003 foi lançado como filme brasileiro com o nome “Carandiru”, sob a direção de Hector Babenco.

A narrativa do livro parte do trabalho voluntário em prevenção à AIDS, proposto pelo referido médico cancerologista na Penitenciária do Estado, isto é, no complexo Carandiru, em São Paulo, cuja construção foi projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo, na década de 1920.

Através das histórias ouvidas e das amizades conquistadas durante o exercício da medicina no cárcere, o autor pôde mostrar com precisão o cotidiano e o processo adaptativo regido por um código próprio daqueles que perderam a liberdade.

**Téssia Gomes CARNEIRO; Wallace RODRIGUES. INSURGÊNCIAS POÉTICAS SOBRE A PRIVAÇÃO DE LIBERDADES. JNT-Facit Business And Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Março 2021 - Ed. Nº 24. Vol. 1. Págs. 182-192.**

Junto às tessituras apresentadas por Drauzio, traremos a poesia de 4 (quatro) poetas negras brasileiras que, em seus versos, denunciam a violência estatal contra negros, confirmando, assim, as estatísticas do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) sobre o expressivo número de não brancos encarcerados e como estes são tratados.

## **DO ENTRELAÇAMENTO POÉTICO**

A Casa de Detenção de São Paulo, tida como o maior presídio da América Latina, é dividida em 9 (nove) pavilhões. Cada um tem suas peculiaridades. Estes pavilhões fracionam-se em unidades funcionais, denominadas cela, xadrez ou barraco. “Todas as celas têm pia e um chuveiro ou pelo menos um cano com saída de água na parede” (VARELLA, 2005, p. 30).

As celas coletivas, a exemplo da triagem, comportam apenas colchonetes lado a lado e “a redução do espaço pode ser tal que os homens dormem invertidos, os pés de um no rosto do companheiro” (VARELLA, 2005, p. 31).

Em meio ao amontoado daqueles que a sociedade considera como escória, o autor iniciou em 1989 um trabalho educativo sobre o HIV, numa época em que a disseminação da hepatite e da AIDS era acentuada pelo uso comunitário de seringas e agulhas no presídio.

Drauzio narra com precisão o cenário do cárcere e suas agruras, a exemplo das doenças que acometem os presos amontoados, como a tuberculose e as doenças de pele, bem como a alimentação precária.

A comida servida pela Casa é triste. Depois de alguns dias, não há cristão que consiga digeri-la; a queixa é geral. Os que não tem ganha-pão na própria cadeia ou família para ajudar, sofrem. Riquíssima em amido e gordura, a dieta, entretanto, engorda. Obesidade aliada à falta de exercício físico é um dos problemas de saúde da Detenção (VARELLA, 2005, p. 31).

Não fossem poucos os problemas enfrentados na cadeia, o ócio acentua a precariedade, haja vista os poucos empregos oferecidos aos encarcerados. “Poderiam, também, aprender um ofício e voltar para casa com alguma perspectiva. Soltá-los mais pobres e ignorantes do que quando entraram não ajuda a reabilitá-los” (VARELLA, 2005, p. 110).

A questão social traduzida na vulnerabilidade das relações sociais, que, por sua vez, se desdobra na questão racial, na pobreza, dentre outras (BÓGUS, YAZBEK, WANDERLEY, 2013), interliga-se com a severa privação da liberdade no Brasil, posto que a segregação deveria ser medida de exceção. Todavia, os números apontam para o

crescimento da população carcerária, composta, principalmente, de jovens negros e pardos com baixa escolaridade.

Segundo o “Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN”, atualização de junho de 2017 (BRASIL, 2019), realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), órgão executivo subordinado ao Ministério da Justiça (MJ), os indicadores da faixa etária, cor ou etnia e grau de escolarização da população prisional brasileira demonstram um encarceramento em massa da juventude pobre, negra/parda e analfabeta.

Fatores raciais, sociais e econômicos se mesclam no relatório, como bem podemos observar dos trechos que seguem:

Em relação à faixa etária das pessoas privadas de liberdade no Brasil, é possível inferir que a maior parte é composta por jovens. Entre estes, 29,9% possuem entre 18 a 24 anos, seguido de 24,1% entre 25 a 29 anos e 19,4% entre 35 a 45 anos. Somados o total de presos até 29 anos de idade totalizam 54% da população carcerária (BRASIL, 2019, p. 30).

No que tange à etnia/cor das pessoas encarceradas, revela-se que:

Em relação ao dado sobre a cor ou etnia da população prisional brasileira, o gráfico abaixo (17) indica que 46,2% das pessoas privadas de liberdade no Brasil são de cor/etnia parda, seguido de 35,4% da população carcerária de cor/Etna branca e 17,3% de cor/etnia preta. Somados, as pessoas presas de cor/etnia pretas e pardas totalizam 63,6% da população carcerária nacional. Quando observamos os dados da PNAD Contínua 2017, percebemos que há uma representação da população preta e parda no sistema prisional brasileiro. Os dados da PNAD indicam, que somados, o total de pardos e pretos representam 55,4% da população brasileira (BRASIL, 2019, pp. 31-32).

E por fim, no tópico da escolaridade, temos que:

No que concerne ao grau de escolaridade das pessoas privadas de liberdade no Brasil, é possível afirmar que 51,3% destas possuem o Ensino Fundamental Incompleto, seguido de 14,9% com Médio Incompleto e 13,1% com Ensino Fundamental Completo. O percentual de presos que possuem Ensino Superior Completo é de 0,5%. Ao analisarmos os dados de escolaridade da população brasileira, obtidos a partir da PNDAD Contínua 2017, percebemos que não há uma representação no sistema prisional dos mesmos graus de escolaridade observados na sociedade brasileira. No sistema penitenciário, mais da metade das pessoas custodiadas possuem baixa escolaridade, ao passo que entre a população brasileira percebe-se maior dispersão entre todos os níveis educacionais (BRASIL, 2019, pp. 34-35).

A partir da grande quantidade de negros/pardos encarcerados, pensamos em utilizar poemas de poetas negras e que refletem exatamente sobre as questões de privação de

liberdade, compondo uma poética própria a partir de elementos do encarceramento e temas relacionados. Os quatro poemas escolhidos para este artigo estão na antologia poética “Nossos poemas conjuram e gritam”, de 2019.

A escritora, jornalista e pesquisadora da Literatura Feminina Negra, Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo (em 1958), atuante nos movimentos de combate ao racismo e integrante do Quilombhoje Literatura, um coletivo cultural. A autora escreveu para a antologia “Nossos poemas conjuram e gritam” o poema “Olhar negro” (2019, p. 19-20), apontando o empilhamento nas prisões. Vejamos o poema:

Nafragam fragmentos  
de mim  
sob o poente  
mas,  
vou me recompondo  
com o Sol  
nascente,  
Tem  
Pe  
Da  
Ços  
mas,  
diante da vítrea lâmina  
do espelho,  
vou  
refazendo em mim  
o que é belo  
Nafragam fragmentos  
de mim  
na coca  
mas, juntos os cacos, reinvento  
sinto o perfume de um novo tempo,  
Fragmentos  
de mim  
diluem-se na cachaça  
mas,  
pouco a pouco,  
me refaço e me afasto  
do danoso líquido  
venenoso  
Tem  
Pe  
Da  
Ços  
tem  
empilhados nas prisões,  
mas  
vou determinando meus passos para sair  
dos porões

tem fragmentos  
 no feminismo procurando meu próprio olhar,  
 mas vou seguindo  
 com a certeza de sempre ser  
 mulher  
 Tem  
 Pe  
 Da  
 Ços  
 mas  
 não desisto  
 vou  
 atravessando o meu oceano  
 vou  
 navegando  
 vou  
 buscando meu olhar negro  
 perdido no azul do tempo  
 vou  
 vôo,

Tal poema reflete, claramente, sobre a condição de despedaçados humanos na prisão, de vícios e que vão se refazendo, recompondo-se. Há uma busca por reconstrução psicológica, de caminhos novos e de não desistência. É um poema de esperança, apesar de todas as vicissitudes enfrentadas pelo eu poético negro e feminino.

Ainda, do perfil das pessoas encarceradas constata-se que “[...] o sistema carcerário – cujo pretense objetivo de contenção da criminalidade é, na verdade, controle da pobreza, e mais especificamente, controle racial da pobreza” (ALMEIDA, 2018, p. 63).

Nesse viés, Lívia Natália, natural de Salvador – BA (de 1979), poeta brasileira formada em Letras (UFBA) e professora de Teoria da Literatura na mesma universidade, relembra cenários como o da Vila Moisés, Cabula e Carandiru. A escritora cursou pós-doutorado em Literatura (UNB) e foi premiada em 2010 no Concurso Literário do Banco Capital com o livro “Água Negra” (CARAMURÊ, 2016). Participou do projeto “Poesia nas Ruas”, do Fundo de Cultura do Estado da Bahia, com o poema “Quadrilha”, onde denuncia a violência policial contra o corpo negro. Na mesma direção, também o poema “Em face dos últimos acontecimentos” (2019, pp. 35-36) ressalta a temática da violência contra a população afrodescendente.

Eu sei que não podemos nos calar,  
 mas há um tom a mais no ar  
 que nos abafa o respiro.  
 Me encomendaram poemas sobre o que se passa,  
 e caminho pelas ruas açodadas  
 a me perguntar quando tudo isso...

passa?

Os ombros do poeta sustentam o mundo.  
Mas quanto do mundo sobrar para amparar  
os ombros fartos da poeta?  
Não há palavras que se possam limpar e usar  
para dizer do descompasso do tempo:  
Um tiro cravou-se fundo no peito –  
no tempo em que um disparo bastava –  
e lá estávamos Chico Mendes, jazidos.  
Índio Galdino, incendiados.  
Candelária, entre a noite densa e a bainha da  
[madrugada, destecidos.  
Estávamos Ônibus 174, no camburão justiceiro, asfíxiados.

Hoje, uma bala no peito mal nos abre uma humilde vala,  
Nosso algoz nos alveja 111, 80,  
Nos atinge Vila Moisés, Cabula, Carandiru  
e caímos,  
Marcha sobre nós com seus pés de comes cintilâncias  
e não sobra uma estrela que diga  
ainda haver poesia nestes impossíveis dias.

(Disseram que chega um tempo em que não  
[se diz mais: “meu Deus!”  
Chegou o tempo em que podemos perguntar: há Deus?)

Nosso algoz nos tocaia em Marielles mil,  
e miliciam a esperança que trazíamos no peito,  
ele nos executa numa esquina  
entre o medo  
e a flama que carregávamos viva de desejo.

Há, no entanto, a força do sim.  
E, como sempre,  
sobrevivem, estilhaçadas,  
sementes que prometem alguma primavera.

Neste poema o eu poético traz para nossa memória casos de violência que marcaram o Brasil, como o assassinato do ambientalista Chico Mendes acreano por fazendeiros; a morte violenta do Índio Galdino, Galdino Jesus dos Santos, indígena Pataxó, que foi a Brasília tratar sobre demarcação de terras indígenas e foi assassinado em uma parada de ônibus; da política e ativista Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes; entre outros casos.

O poema traz a dor da violência não somente contra os afro-brasileiros, mas contra os ambientalistas, as pessoas indefesas (como os meninos da Candelária), entre outros corpos indefesos. O poema mostra como a violência no Brasil é banalizada e não o deveria

ser, insistindo na tomada de consciência do leitor e de possíveis “sementes que prometem alguma primavera”.

Vemos que mecanismos restaurativos ou compensatórios das desigualdades histórico-culturais, bem como políticas sociais devem integrar a agenda brasileira na promoção de negros e pardos. “O desenvolvimento de tais políticas varia amplamente mas, juntas, elas procuram tratar de uma vasta gama de exclusões sociais que se manifestam econômica, psicológica, política e culturalmente” (TELLES, 2012, p. 19).

O amadurecimento democrático e com execução de políticas sociais pelo Estado é o que se clamar por, não só para a eliminação da pobreza material, como também das “discriminações por classe, raça, gênero ou de outros tipos que impeçam o acesso dos cidadãos à justiça social” (TELLES, 2012, p. 19).

A população de brasileiros marginalizados é ressaltada no trabalho criativo com a linguagem pela poeta, editora e tradutora Lubi Prates, nascida em São Paulo (1986), que tem se dedicado ao combate da invisibilidade de mulheres e dos negros. O poema “quem tem medo da palavra” coloca a questão racial no centro do debate ao denunciar as estatísticas das páginas policiais (2019, p. 49):

Quem tem medo da palavra  
NEGRO  
quando ela não ultrapassa  
as páginas do dicionário e  
do livro de História?

Quem tem medo da palavra  
NEGRO  
quando ela está estática ou  
cercada por outras palavras  
nas páginas policiais?

quem tem medo da palavra  
NEGRO  
se transformam em:  
moreno mulato  
qualquer coisa bem perto de  
qualquer coisa quase  
branco?

quem tem medo da palavra  
NEGRO  
se quando eu digo  
faz silêncio?

quem tem medo da palavra  
NEGRO



que eu não digo?

quem  
tem  
medo  
da  
palavra  
NEGRO

quando ela não faz pessoa:  
carne osso e fúria?

Neste poema o eu poético insere a palavra “NEGRO” em vários contextos e com ela elabora perguntas que nos levam a pensar sobre o racismo estrutural brasileiro. O poema não tem um contexto somente racial, mas também histórico-social, deixando perceber o “incômodo” que tal palavra pode causar em determinados contextos.

Também a violência na cadeia, que é bem retratada por Drauzio Varella, em especial na cena do dia 2 de outubro de 1992, quando que 111 (cento e onze) homens do Pavilhão Nove foram mortos durante a invasão da PM, segundo a versão oficial, choca-nos e deixa-nos perceber como os encarcerados são tratados como lixo, escória social e cidadãos de segunda classe.

O “Atlas da Violência 2019”, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, relata um verdadeiro aprofundamento da desigualdade racial nos indicadores brasileiros quando trata da violência contra os negros. “O gráfico 5.1 descreve a piora na desigualdade de letalidade racial no Brasil. No período de uma década (2007 a 2017), a taxa de negros cresceu 33,1%, já a de não negros apresentou um pequeno crescimento de 3,3%” (IPEA, 2019, p. 49).

Na mesma direção, também Conceição Evaristo, poeta negra, romancista e contista denuncia as dores, os ais e as balas perdidas que alvejam cotidianamente negros brasileiros. Natural de Belo Horizonte – MG (1946), ela é residente no Rio de Janeiro desde 1973, cidade onde cursou Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É mestre em Literatura Brasileira (Pontifícia Universidade Católica - PUC/RJ) e doutora em Literatura Comparada (Universidade Federal Fluminense - UFF). Venceu o Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015 e foi indicada para a Academia Brasileira de Letras. O poema a seguir, intitulado “Da conjuração dos versos” (2019, pp. 11-12) é de sua autoria:

O silêncio mordido  
rebel e revela  
nossos ais  
e são tantos os gritos

que a alva cidade,  
de seu imerecido sono,  
desperta em pesadelos.

E pedimos  
que as balas perdidas  
percam o nosso rumo  
e não façam do corpo nosso,  
os nossos filhos, o alvo.

O silêncio mordido,  
antes o pão triturado  
de nossos desejos,  
avoluma, avoluma  
e a massa ganha por inteiro  
o espaço antes comedido  
pela ordem.

E não há mais  
quem morda a nossa língua  
o nosso verbo solto  
conjugou antes  
o tempo de todas as dores.

E o silêncio escapou  
ferindo a ordenança  
e hoje o anverso  
da mudez é a nudez  
do nosso gritante verso  
que se quer livre.

190

Neste poema o eu poético reflete, a partir da alva (branca) cidade, sobre a violência contra os corpos negros. O medo de que os seus corpos negros e dos seus filhos, também negros, sejam alvos das balas perdidas (não tão perdidas assim!) faz com que os versos aconteçam e gritem, cortando o silêncio, buscando cidadania e liberdade.

Ainda, vemos que qualquer solução na luta diária ao enfrentamento da violência no Brasil, que atinge, em maior extensão, as classes pobres e pretas, passa por um amadurecimento democrático com execução de políticas públicas sociais para que o Estado assuma a sua posição frente às desigualdades materiais massivas, como bem aponta Charles Tilly:

A desigualdade social impede a democratização e mina a democracia sob duas condições: primeiro, a cristalização de diferenças contínuas (tais como aquelas que distinguem você de seu vizinho) e diferenças categóricas cotidianas em virtude de fatores como raça, gênero, classe, etnia, religião e outros tipos de agrupamentos similares; segundo, a tradução direta dessas diferenças categóricas em diferença nos processos políticos públicos (TILLY, 2013, p. 123).

É, portanto, nessa constatação histórico-cultural da luta diária no enfrentamento da violência que mesclamos a narrativa do médico Varella ao trabalho criativo da linguagem das quatro poetas negras que denunciam e propõem a resistência à exclusão como motivação do fazer poético.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto trouxe um breve recorte das condições das prisões brasileiras a partir do trabalho etnográfico realizado por Varella, que ele bem descreve na obra “Estação Carandiru”. As condições como vivem os encarcerados, como sobrevivem e como são mortos aqueles que compõem a população de brasileiros marginalizados nas abarrotadas celas do sistema penitenciário em nosso país, num retrato de violência que atinge, em maior extensão, os excluídos pela cor e pela pobreza.

As dificuldades enfrentadas pelos afro-brasileiros pode ser observada no recorte social da prisão, que reúne, no perfil da pessoa presa no Brasil, jovens negros, pobres e de baixa escolaridade. Entrelaçando-se à denúncia de Varella, o presente artigo expõe quatro autoras negras que, por sua vez, reforçam a função social da literatura ao retratarem a discriminação dessa população marginalizada.

Vemos que qualquer solução para os problemas do racismo e da desumanização dos pobres passa por um amadurecimento democrático com a execução de políticas públicas sociais para que o Estado assuma a sua posição e as desigualdades históricas sejam diminuídas. Tais políticas devem partir da assistência, principalmente, às crianças e aos jovens, como mostra o IPEA:

Nesse ponto, é fundamental que se façam investimentos na juventude, por meio de políticas focalizadas nos territórios mais vulneráveis socioeconomicamente, de modo a garantir condições de desenvolvimento infanto-juvenil, acesso à educação, cultura e esportes, além de mecanismos para facilitar o ingresso do jovem no mercado de trabalho (IPEA, 2019, p. 30).

Como exemplo citemos a insuficiência de rede água em inúmeros lares brasileiros, as más condições habitacionais; a precarização do mercado de trabalho e o baixo nível de renda, mais comuns entre os afro-brasileiros, que compõem a maior parcela de desempregados e a rede de informalidade no Brasil.

São, portanto, essas denúncias de aspecto sanitário, político, legal, econômico e de insegurança, inclusive alimentar, que nos apresenta a obra “Estação Carandiru”, que, por sua vez, foram tão bem representadas nas vozes de Esmeralda Ribeiro, de Livia Natália, de

Conceição Evaristo e de Lubi Prates, revelando que a literatura pode ser importante instrumento de conscientização e de luta por direitos para todos os brasileiros, principalmente para aqueles mais vulneráveis.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Departamento Penitenciário Nacional (Depen). **Levantamento nacional de informações penitenciárias - Infopen**. Atualização junho 2017. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência no Brasil**. Colaboração Daniel Cerqueira et. al. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 19 jun. 2020.

PRATES, L. (org.). **Nossos poemas conjuram e gritam**. 1. ed., São Paulo: Quêlônio, 2019.

TELLES, E. E. **O significado da raça na sociedade brasileira**. Tradução: Ana Arruda Callado. Versão divulgada na internet: agosto/2012. Disponível em: [http://telles.faculty.soc.ucsb.edu/uploads/8/7/5/2/87525260/livro\\_o\\_significado\\_da\\_raca\\_na\\_sociedade\\_brasileira.pdf](http://telles.faculty.soc.ucsb.edu/uploads/8/7/5/2/87525260/livro_o_significado_da_raca_na_sociedade_brasileira.pdf). Acesso em: 02 jun. 2020.

TILLY, C. **Democracia**. Tradução: Raquel Weis. Petrópolis, RJ: Vozes 2013.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.